



TALITA DUVANEL
talita.duvanel@oglobo.com.br

O set da série “Sex/Life”, em Toronto, no Canadá, está quase vazio para a gravação da primeira cena do terceiro episódio. A atriz Sarah Shahi, que interpreta Billie, e o ator Adam Demos, o Brad, entram no estúdio e, quando começam a tirar os roupões, os poucos presentes viram de costas. Eles só voltam a olhar para os artistas depois que os dois já estão em suas posições, dentro do carro, para rodar uma das cenas de sexo mais quentes das dezenas que há no seriado. Quando acaba, Sarah e Adam colocam os roupões e, só depois disso, uma imensa turma que ficou de fora volta para o estúdio.

Quem conta os pormenores desta sequência é Casey Hudecki, integrante da equipe que esteve na gravação de todas as cenas eróticas desse sucesso da Netflix que ocupa o top 10 Brasil há algumas semanas. Além dela e dos atores, estavam diretor, operador de som, câmera, camareira e técnico de efeitos especiais. Seu cargo é o de coordenadora de intimidade, uma função importante em filmes ou séries nos EUA, no Canadá e na Europa desde 2018. No Brasil, ela inexistente. Na falta de um profissional com este pa-

SEXO SEGURO

COM A MISSÃO de ‘coreografar’ as cenas mais quentes e evitar abuso e constrangimento nos sets, ‘coordenadoras de intimidade’ viram figuras importantes lá fora; no Brasil, função ainda inexistente

pel definido por aqui, a responsabilidade fica nas costas dos diretores.

O trabalho de um coordenador de intimidade consiste em estabelecer protocolos para que todos se sintam seguros e confortáveis nesses tipos de cenas. Esvaziar o set ou garantir que os atores possam se despir com privacidade são pequenas mudanças que profissionais como ela conseguiram. Casey e outras coordenadoras (as mulheres dominam o ramo) também existem para coibir possíveis abusos físicos ou psicológicos, que começaram a vir à tona com o movimento #MeToo, em 2017.

O trabalho começa na leitura do roteiro, evolui para ensaios e se estende até o dia das filmagens.

— Todo mundo tem uma imagem diferente na cabeça sobre o que uma cena “quente” poderia ser. Então, con-

verso com o diretor e pergunto: “Quanta nudez você vê? Que posições imagina?” Depois, falo com os atores: “Isso é o que queremos. Como se sentem?” Entramos em muitos detalhes, porque artistas tendem a dizer “sim” (para tudo). Temos uma conversa muito aberta em que eles podem colocar limites — diz a canadense Casey, que é atriz, coreógrafa de cenas de luta e coordenadora de dublês, e também trabalhou com intimidade em “The handmaid’s tale”, “American gods” e “Mrs. America”.

PROFISSÃO EM ALTA

Este ofício ganhou notoriedade em Hollywood em 2018, por conta da série “The Deuce”, que retrata o submundo do sexo na Nova York dos anos 1970. No papel de uma prostituta que vira uma estrela de filmes pornôs, a atriz Emily Meade pediu aos executivos da HBO uma pessoa no set pa-

ra ajudá-la nas cenas de maior exposição. Eles, então, contrataram Alicia Roddes, ex-dublê e também coreógrafa de luta que, em 2016, fundara a Intimacy Directors International, uma organização criada para estabelecer diretrizes sobre cenas de sexo no teatro e em produções audiovisuais. A parceria deu tão certo que Alicia virou consultora da HBO e acabou formando outras profissionais, como Casey, uma vez que a prática se espalhou na concorrência, fazendo a demanda explodir.

— Antes, não existia. Era deixada para departamentos como de figurino ou de dublê — diz Casey. — O problema é que ficava num papel de “espero que tenha um diretor sensível”, ou “tomara que meu colega de cena respeite meus limites”.

É nessa expectativa que vivem muitas atrizes no Brasil. Maeve Jinkings,

com 12 longas no currículo, brinca que, quando há um roteiro com muitas cenas de sexo ou nudez, “fica orando às deusas do audiovisual para que o diretor tenha sensibilidade” para conduzir o processo.

— O ideal é que você não precise contar com a sorte, que vá para o set segura de que vamos todos executar um trabalho profissional — diz ela.

Além de o cargo não existir oficialmente no Brasil, muita gente da indústria nem sabe do que se trata.

— Seria muito importante e de grande valia uma pessoa para ocupar uma posição dessa — diz a atriz Mariana Nunes. — Na falta dessa figura, você se expõe de qualquer jeito: ou no set, ou na negociação.

Acostumada a rodar cenas quentes, a diretora Julia Rezende acha interessante pensar por que essas profissionais se tornaram necessárias.

— Mostra que temos um ambiente em que atrizes não se sentem tão seguras. Afinal, filmamos sexo e nudez desde que o cinema existe.

A forma como a diretora trabalha é semelhante ao olhar que as coordenadoras tentam implementar:

— Não acredito em imposição, sobretudo em cenas de intimidade. Os atores estão ali para construirmos juntos.

NÃO É UMA QUESTÃO DE CENSURA, NA PÁGINA 2



“Converso com o diretor e pergunto: ‘Quanta nudez você vê? Que posições imagina?’ Depois, falo com os atores: ‘Isso é o que queremos. Como se sentem?’”

Casey Hudecki, coordenadora de intimidade

“O ideal é que você não precise contar com a sorte, que vá para o set segura de que vamos todos executar um trabalho profissional”

Maeve Jinkings, atriz

Alta voltagem.

A atriz Sarah Shahi na série “Sex/Life”, que conta com uma profissional própria para deixar todos seguros e confortáveis nas gravações: o ofício ganhou força depois do movimento #MeToo

CACÁ
DIEGUES

segundocaderno@oglobo.com.br

A gente precisa
de amor

O amor foi uma invenção dos dramaturgos gregos que acabou se tornando pilóti indispensável, fundamento básico na construção da civilização ocidental. Sem sua criação, não haveria família, nem disciplina religiosa ou conceito de pátria, nada disso. Não haveria nem mesmo a mera ideia de amizade ou de simples colaboração en-

tre seres humanos. O amor é mais uma dívida preciosa contraída pela civilização junto aos gregos de muito antigamente, o mais moderno e sempre renovável instrumento de integração social entre pessoas e bandos.

Tinha de tudo. Zeus, deus máximo dos gregos, namorava Métis, com quem teve Athena, deusa de respeito. Mais tarde, casou-se com Hera, sua irmã, em quem gerou uma filha: a deusa de respeito. Zeus namorava à beça, cometendo incestos, adultérios e sedução de donzelas. E aí de quem se metesse em sua vida sentimental! Já a Odisseia, a mais bela descrição de uma viagem de volta, é inspirada na narração de Ulisses, que resistiu a cantos maviosos de mulheres lendárias, para ir ao encontro de Penélope, seu único amor, que tecia infundável manto à sua espera. E ainda, mesmo sendo herói ou semideus, se você olhar para trás, como fez Orfeu em busca de Eurídice, o objeto de seu amor desaparece da história viva, vira estátua (os gregos ainda tiveram esse cuidado de evitar o passado, para que o amor não se submetesse ao que não interessa mais).

Sabidos, os conterrâneos de pensadores

como Aristóteles, Sócrates e Platão ainda inventaram os Jogos Olímpicos, a consagração do esporte, ocasião festiva para a celebração do corpo pelo esforço físico que faz esquecer as amarguras da vida. Sendo a maior delas a do fracasso ou do simples rolo no mundo do amor.

O amor não é uma obrigação olímpica mas guarda, em sua prática, muito da disputa es-

Sem sua criação, não haveria família, nem disciplina religiosa ou conceito de pátria, nada disso

portiva. Numa Olimpíada, os jogadores estão tão interessados na vitória imediata, quanto em serem gratuitamente aplaudidos pelos que ainda não os conhecem. Ou por aqueles que já os amam, mas precisam atualizar seus senti-

mentos, torná-los visíveis a olho nu. Os atletas chamariam a isso de fidelidade; mas a fidelidade é um pressuposto de quem torce, não de quem disputa o campeonato.

Agente tem apenas uma pálida ideia do que deve ter sido participar da invenção do amor.

Não deve ter sido fácil, o pessoal sofreu muito, por séculos, até normalizarem sua existência. O amor individual, de um ser por outros, era apenas um pretexto para expor o desejo que se tinha de fazer parte, de pertencer a um grupo ou a uma comunidade, de possuir os mesmos elos de ligação, tornando-os mais claros a quem os possuísse. No fundo, o amor era um modo mais simples e direto de explicar, a nós mesmos, esse interesse por alguns e o desinteresse por outros. Não tínhamos como recusar o que seria fatal.

Segundo prestigiado filósofo alemão do século XIX, que mal tratou do amor e dos sentimentos humanos em geral, “os artistas não rompem da terra como os cogumelos, eles são sempre frutos de sua época e extraem do seu povo as seivas mais preciosas e as menos notáveis para exprimi-las nas obras de arte”. Pode ser o contrário também. Os seres humanos, sobretudo suas lideranças artísticas, podem estar fazendo uma viagem circular para que, quando as questões de sua existência e convivência estiverem se organizando melhor, eles possam enfim simplesmente amar.

Quadrinhos
que não ficam
no armário

Coletânea de ‘Perigosas sapatas’, de Alison Bechdel, reúne tiras de temática lésbica publicadas em jornais ao longo de 25 anos

RUAN DE SOUSA GABRIEL
rsgabriel@edglobo.com.br

Ao se assumir lésbica, no início dos anos 1980, a cartunista americana Alison Bechdel começou a desenhar mulheres. Não foi fácil. Desde criança, ela preferia desenhar jogadores de beisebol. Percebeu que era mais fácil desenhar mulheres se imaginasse que elas eram lésbicas.

— Eu desenhava homens quando era criança porque parecia que eles eram os únicos que faziam coisas interessantes — diz Bechdel, que está lançando, pela Todavia, uma compilação de “Perigosas sapatas”, sua celebrada série de tirinhas. — As mulheres eram quase sempre representadas como mães ou objetos sexuais.

Bechdel queria capturar a “essência” das mulheres. Além de desenhar, ela escrevia. Chegou a enviar para a revista lésbica “Sinister Wisdom”, à época editada pela poeta e ensaísta feminista Adrienne Rich, um texto sobre sair do armário. Educadamente, Rich recusou o texto por não estar “suficientemente denso ou rico”. Na “Introdução da cartunista” de “O essencial de perigosas sa-

patas”, Bechdel aparece lendo um trecho de “Sobre mentiras, segredos e silêncios”, de Rich: “Tudo o que é enterrado na memória pelo colapso da linguagem mentirosa ou inadequada — isso se tornará não apenas algo não dito, mas indizível”.

— Como muitas pessoas LGBTQIAP+ da minha geração, eu me interessava muito por visibilidade — recorda. — Sair do armário era revolucionário! Queria criar personagens que se orgulhassem de quem eram para ajudar outras pessoas a se assumir.

MUITA HISTÓRIA

Bechdel cumpriu esse objetivo ao criar suas “Perigosas sapatas”. Publicada em mais de 50 jornais americanos entre 1983 e 2008, a série de tirinhas acompanha um grupo de amigas lésbicas vivendo numa cidade média dos Estados Unidos. As “perigosas sapatas” de Bechdel acompanharam as mais diversas turbulências culturais e políticas: do crescente conservadorismo da sociedade americana à epidemia de Aids, do aburguesamento do movimento gay aos conflitos das feministas radicais (as “radfems”) com as pessoas tran-



Exemplo. “Querida criar personagens que se orgulhassem de quem eram para ajudar outras pessoas”, diz autora

sexuais. Em 2019, viralizou uma tirinha de 1995 na qual a neurótica Mo expressa certo desconforto por mulheres trans usarem o mesmo banheiro que ela e é acusada de transfobia pela não monogâmica Lois. Mais tarde, a própria Mo, uma lésbica caminhoneira, é confundida com um homem ao entrar num banheiro feminino e defendida por uma mulher trans.

Bechdel também é conhecida por ter criado o teste que avalia filmes segundo o seguinte critério: contar com pelo menos duas personagens mulheres que conversem entre si sobre qualquer assunto que não seja o sexo masculino. O Teste de Bechdel apareceu pela primeira vez numa tirinha de 1985 e, segundo a cartunista, foi ins-

pirado em conversas com sua amiga Liz Wallace e no ensaio “Um teto todo seu”, em que Virginia Woolf reclama da representação simplória das mulheres na literatura, sempre definida em relação a um homem.

— Hoje, já somos vistas como seres humanos autônomos, embora ainda haja muita ênfase em nossa aparência — diz Bechdel, que

está trabalhando em uma série animada inspirada em “Perigosas sapatas”. — Há muitas lésbicas nas séries de TV, mas a maioria é branca, magra ou excepcional de algum modo. Adoraria que a representação lésbica fosse mais diversa.

Além de “Perigosas sapatas”, Bechdel tem duas graphic novels autobiográficas publicadas no Brasil: “Você é minha mãe?”, editada pela Companhia das Letras, e “Fun home”, lançada pela Todavia. Em “Fun home”, ela recorda o pai, que dava aulas de literatura, administrava a pequena funerária da família e, provavelmente, era um homossexual que passou a vida toda no armário. A graphic novel virou musical premiado — o primeiro da Broadway com uma protagonista lésbica.

Em 1999, Bechdel topou com a carta de recusa de Adrienne Rich e escreveu a poeta para agradecer-lá por ter rejeitado seu texto.

Desta vez, Rich respondeu com elogios: “Sempre admirei a maneira como o seu trabalho tenta explodir o essencialismo sapatão e explorar nossa real humanidade.”

— Foi uma grande honra ela ter considerado o meu trabalho uma exploração da “real humanidade” das lésbicas — conta. — Foi exatamente isso que ela me sugeriu na carta de recusa: explorar minhas ideias e meus sentimentos. Gosto do sentido que o verbo “explorar” dá ao meu trabalho, como se eu estivesse numa expedição ao Polo Sul ou algo do tipo.

‘Não somos uma polícia moral’, diz profissional francesa

Para as coordenadoras de intimidade, função não tem nenhuma relação com apagamento da sexualidade ou restrição à nudez

Não apenas nos Estados Unidos e no Canadá a função de coordenadora de intimidade é importante nos dias de hoje, principalmente quando se trata de uma produção de grandes produtoras e serviços de streaming. Na Europa e no Reino Unido, também tem sido assim. No Bafta TV de junho deste ano, que premiou as melhores produções do Reino Unido, a britânica Michaela Coel, criadora e protagonista de “I may destroy you” (HBO), dedicou

uma estatueta de melhor atriz justamente para a coordenadora de intimidade Ita O’Brien. “Obrigada por sua existência na nossa indústria, por tornar o espaço seguro físico, emocional e profissionalmente para que a gente faça um trabalho sobre exploração, perda de respeito e abuso de poder sem ser abusada no processo”, disse Michaela na ocasião.

Na França e na Alemanha, figuras desse tipo também vêm ganhando destaque. A

francesa Monia Ait El Hadj é uma das primeiras a exercer este trabalho por lá. Ela esteve na equipe de “Emily em Paris” e em “Les sept vies de Léa” e “Les liaisons dangereuses”, ambos para 2022, e tem feito um “exercício de educação” com quem dá as cartas no setor audiovisual. Muitos deles, em diversas partes do mundo, ainda encaram a coordenadora de intimidade como alguém que vai “encaretar” a arte.

— Não viemos apagar a



De olho.

Casey Hudecki: “Fazer de um jeito que respeite todo mundo”, diz

sexualidade ou a nudez. Não somos uma polícia moral — diz Monia, que fez treinamento em Los Angeles antes de exercer a profissão em Paris.

Apesar de estar num mercado mais consolidado para o ofício, a canadense Casey Hudecki acredita que ainda falta informação:

— Não estamos lá para dizer que não pode haver sexo. O objetivo é facilitar e fazer de um jeito que respeite todo mundo — ela diz. — Existem milhões de formas de filmar uma história. Podemos contá-la dentro dos limites dos atores, e assim eles ajudarão a construir isso da melhor maneira. (Talita Duvanel)